
Saúde Mental e o Contexto Universitário: Uma leitura interseccional das juventudes na FCT-UNESP

ALCÂNTARA, Luiz Davi Fagundes.¹
SIMON, Carolina Russo²
GUIMARÃES, Raul Borges.³

Recebido (Received): 12/12/2023 Aceito (Accepted): 02/02/2024

Como citar este artigo: ALCÂNTARA. L.D.F.; SIMON. C.R.; GUIMARÃES. R.B. Saúde mental e o contexto universitário: uma leitura interseccional das juventudes na FCT-UNESP. **Geoconexões online**, v.4, n.1, p.03-21, 2024

RESUMO: A juventude que ingressa na universidade brasileira é plural, composta não apenas pela elite masculina branca, mas também por mulheres, negros, LGBTQIAPN+, e pela classe trabalhadora, que frequentou o ensino público. Devido a essa diversidade estar presente nesse ambiente condicionado a uma singularidade, as trajetórias vivenciadas por esses jovens resultarão em implicações, especialmente no que diz respeito às questões de saúde mental. É em razão dessa problemática que o presente artigo se dedica, compreendendo a denominação de juventudes numa perspectiva interseccional vinculada à Pesquisa Qualitativa, esforçando-se para interpretar as trajetórias e experiências de estudantes cuja saúde mental é afetada na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os estudantes, em especial aqueles que fazem parte da Permanência Estudantil. Além disso, buscou-se destacar a importância das atividades culturais e de extensão vinculadas ao viés promocional de saúde mental na Universidade. Assim, a partir dos relatos, percebeu-se que a Universidade ainda precisa avançar nas políticas de acolhimento, assistência e permanência estudantil, bem como nos debates sobre saúde mental, que, embora sejam um tema presente, necessitam de uma ampliação, uma vez que, para alguns estudantes, falar sobre saúde mental ainda é algo desconhecido.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental, Juventudes, Universidade.

Mental Health and the University Context: An Intersectional Analysis of Youths at FCT-UNESP

ABSTRACT: The youth who enter Brazilian universities are plural, made up not only of the white male elite, but also of women, blacks, LGBTQIAPN+, and the working class, who attended public schools. Because this diversity is present in such a singular environment, the trajectories experienced by these youths will have implications, especially with regard to mental health issues. It is because of this problem that this article is dedicated, understanding the denomination of youth from an intersectional perspective linked to Qualitative Research, endeavoring to interpret the trajectories and experiences of students whose mental health is affected at the Faculty of Science and Technology of São Paulo State University. To this end, semi-structured interviews were conducted with the students, especially those who are part of the Student Permanence Program. The aim was also to highlight the importance of cultural and extension activities linked to mental health promotion at the university. Thus, from the reports, it emerged that the university still needs to make progress in its policies for welcoming, assisting and keeping students, as well as in the debates on mental health, which, although they are a present theme, need to be expanded, since for some students, talking about mental health is still an unknown.

KEYWORDS: Mental Health, Youth, University.

¹ Graduando em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista - FCT-UNESP. E-mail: luiz.davi@unesp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1549-9348>

² Doutora em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP) - Campus Presidente Prudente- SP (2023). Mestre em Geografia (2020) e Licenciada em Geografia (2017) pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP). E-mail: carolina.simon@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5875-580X>

³ Possui graduação em Geografia - Licenciatura e Bacharelado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor titular do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Presidente Prudente. E-mail: raul.guimaraes@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9925-5374>

INTRODUÇÃO

A saúde mental foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um “[...] *estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade*”. Essa definição está em consonância com a definição ampla de saúde, proposta no Preâmbulo da Constituição da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 1946, abordando que saúde é: “[...] um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”. Então, como um “Direito social, inerente à condição de cidadania, que deve ser assegurado sem distinção de raça, de religião, ideologia política ou condição socioeconômica, a saúde é assim apresentada como um valor coletivo, um bem de todos” (OMS, 1946, p.1).

Apesar de as políticas públicas terem sido desenvolvidas e ampliadas a partir desta conceituação inicial, a discussão sobre saúde mental nas universidades brasileiras é recente. Quando analisamos a história da instituição universitária, deparamo-nos com uma racionalidade baseada na meritocracia, a dificuldade de reconhecer a importância do debate sobre saúde mental, dessa forma, permitindo-nos refletir: *para qual juventude a Universidade se configura?*

A Lei Nº12.852, de 5 de agosto de 2013 conhecida como "Estatuto da Juventude", abarca os direitos dos jovens, os princípios das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Na seção que aborda o direito à educação, o Art. 8º assegura que “*O jovem tem direito à educação superior, em instituições públicas ou privadas, com variados graus de abrangência do saber ou especialização do conhecimento, observadas as regras de acesso de cada instituição*”. O Art.13, estipula que “*As escolas e as universidades deverão formular e implementar medidas de democratização do acesso e permanência, inclusive programas de assistência estudantil, ação afirmativa e inclusão social para os jovens estudantes*”.

Apesar de o direito ser assegurado pela Constituição (BRASIL, 1988), em relação ao acesso à educação superior e à assistência e permanência estudantil, o cenário presente se desdobra de outra maneira. Infelizmente, as pessoas jovens são expostas a condições de desigualdade, negligência e preconceito, o que resulta na dificuldade do acesso à universidade.

Entretanto, a partir da inserção desses jovens na Universidade (principalmente através do impulsionamento da Lei de Cotas), as vidas dessas pessoas, serão marcadas por

trajetórias e experiências que se depreendem do contexto deste espaço (PEDROSO, 2022). Esse fenômeno espaço-temporal, por mais que sinalize vivências únicas e individuais, de modo geral, será marcado por uma relação coletiva, viabilizada por um aspecto de interação social, seja pelas demandas da Universidade ou pelas questões externas de sociabilidade mútua.

Diante desse contexto, os desafios persistem. Desde o primeiro ano da/e/o discente até o último da graduação, a cobrança que a universidade exige, os conflitos particulares e externos (sociabilidade, convivência, laços afetivos etc.), as questões políticas que influenciam nas trajetórias dos estudantes, o distanciamento da família e as responsabilidades pessoais, em muitos dos casos, serão fatores precursores do sofrimento psíquico desses jovens.

Somando-se a isso, foi possível identificar elementos que implicaram nas transformações das trajetórias e experiências do corpo discente e, por conseguinte, na saúde mental dessas pessoas. Sublinha-se a Pandemia da COVID-19, como desencadeadora de aspectos prejudiciais à saúde mental de todo o Brasil, assim como nas/es/os jovens estudantes. Por outro lado, destacaram-se as atividades de extensão e cultura como fundamentais no espaço acadêmico, articulando-se com as medidas de promoção à saúde mental.

Por meio dessas proposições, o trabalho ancorou-se no diálogo sobre saúde coletiva e saúde mental, especialmente em um estudo que enfocou as/es/os jovens estudantes da graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista, na cidade de Presidente Prudente - SP (FCT-UNESP). Nesse ínterim, o trabalho foi construído com base na abordagem da Pesquisa Qualitativa, concentrando-se na compreensão dos Contextos Geográficos (PEDROSO, 2022), o que nos permitiu realizar uma análise interseccional (CRENSHAW, 2002), levando em consideração as facetas identitárias presentes em cada estudante entrevistado.

PERCURSO METODOLÓGICO: UMA GEOGRAFIA PARA A SAÚDE MENTAL DAS PESSOAS

O presente trabalho faz parte de um esforço maior do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde (BioGeoS/UNESP) que por mais de 20 anos vem se dedicando a compreender os processos de saúde-doença através do raciocínio geográfico, aliado às bases do realismo crítico (GUIMARÃES, 2019, p.122). Diversos trabalhos do nosso laboratório demonstram a importância da Pesquisa Qualitativa nos estudos interseccionais de

saúde, pelo potencial de reflexão sobre as condições de saúde das pessoas que essas metodologias revelam (SIMON, 2020; ALVES, PEDROSO e GUIMARÃES, 2019; SIMON, BORSOI, 2022; PEDROSO, SIMON e GUIMARÃES, 2022, PEDROSO, 2019, 2022).

A escolha de trabalhar com Pesquisa Qualitativa e política-geográfica (TURRA NETO, 2013) vem da compreensão de que além da coleta de dados, desde organizá-los e fazer suas análises, o desafio se estabelece em compreender que a vida de cada pessoa é travada pela luta de vencer o sofrer, para se manter viva (SIMON, 2020). Logo, ouvir e escutar atentamente a voz das pessoas “é trazer à luz os fenômenos sociais- carregados de emoções, sentimentos e, principalmente, de sofrimento- expressos pelos relatos entre o dito e não dito” (SIMON, 2020, p.49).

Dessa forma, o objetivo deste texto é desenvolver conhecimentos geográficos para uma Geografia da Saúde que vá além das questões epidemiológicas clássicas da geografia amparada somente por pesquisas quantitativas, mas que aborde a saúde mental como parte integrante de seus estudos, ou seja, uma Geografia para saúde mental das pessoas.

Afinal, a saúde está além de condições físicas, tendo em vista que o corpo é um todo (físico e mente) na contribuição de um ser completamente saudável (BERNARDES, 2018, p.30). Isso se alinha com a necessidade de "estabelecer as condições para que a vida se torne não apenas mais longa, mas também digna de ser vivida" (SANTOS, 2003, p.310). Infelizmente, a dignidade mencionada é desconhecida por muitos estudantes universitários. É essa problemática que motiva este trabalho de iniciação científica.

Esta pesquisa só foi possível pela contribuição dos relatos de estudantes. A tabela a seguir, destaca algumas informações de jovens da graduação da FCT-UNESP:

Tabela 1. Relação demográfica das/dos estudantes entrevistadas/os conforme o gênero, cor, sexualidade, idade, curso, se faz parte da Permanência Estudantil e ano de ingresso:

Nome	Gênero	Cor	Sexualidade	Idade	Curso	Permanência Estudantil	Ano Ingresso
Ana	Cisgênero	Branca	Heterossexual	22	Eng. Ambiental	Não	2020
Alice	Cisgênero	Preta	Heterossexual	28	Geografia	Sim	2020
Clara	Cisgênero	Branca	Heterossexual	23	Eng. Ambiental	Sim	2019
Valéria	Cisgênero	Branca	Heterossexual	26	Geografia	Sim	2020
Bruno	Cisgênero	Branco	Homossexual	19	Ciência da Computação	Não	2022
Cauã	Cisgênero	Preto	Homossexual	29	Geografia	Não	2021

Fonte: os autores.

Cabe ressaltar, que os nomes das/es/dos estudantes destacados na tabela não são reais, são codinomes escolhidos pelo pesquisador principal, pois, buscou-se preservar a privacidade das pessoas que foram entrevistadas.

AS TRAJETÓRIAS JUVENIS MEDIANTE ÀS POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

A juventude, em muitos estudos predominantemente do século XX, foi interpretada como uma categoria que expressa a delinquência, a revolta, a rebeldia e que os jovens (em sua grande parte) são desocupados, consumidores/anticonsumidores, estudantes, etc. (DIÓGENES, 1994, p.158). Para Turra Neto (2008), "em todos os casos, a questão era que a juventude representava um risco em potencial para a continuidade social". No entanto, estudos recentes demonstram que as atuações dos jovens têm revelado um caráter diferente, não apenas preocupando-se em categorizá-los socialmente, entender seus desenvolvimentos biológicos ou psicológicos, ou defini-los como personagens de caráter negativo. Pelo contrário, pensa-se que esses jovens fazem parte de um componente essencial para a compreensão da própria sociedade, contribuindo para sua composição, estruturação, transformações, diferenças, desejos e preocupações, entre outros aspectos (DE ASSIS PAULA, 2016).

Juarez Dayrell (2003) ressalta que os jovens constroem modos de ser jovem, apresentando uma abrangência nas camadas populares e enfatizando a noção de "juventudes", compreendendo a diversidade das maneiras existentes em ser jovem. Percebe-se, também, que há tamanha variedade como cada sociedade, em um tempo histórico diferente, lidará com a figura do ser jovem, visto que, paulatinamente, essa diversidade se baseia "[...] nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos" (DAYRELL, 2003, p.42).

As trajetórias pessoais de cada jovem se configuram a partir do "inventário e compreensão dos valores, condutas e práticas sociais que os mobilizam rumo aos seus projetos pessoais e arranjos sociais coletivos" (CARRANO, 2008, p.68). Aliás, parte desse processo está vinculado ao agravado desamparo do Estado na esfera pública, revelando a falta de soluções por meio de políticas que contemplem a juventude, gerando a privatização e a despolitização das condições de vida (DAYRELL, CARRANO, 2002, p.10).

O comportamento do Estado perante os desafios inerentes é um dos principais fatores que vão influenciar as implicações da sociedade como um todo, em aspectos políticos, econômicos e, culturais, e entre outros. É em função desse fato que o estudo de análise

interseccional se torna significativo para a base do processo de pesquisas, pois, “a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002, p.117), tornado o espaço um elemento fundamental para as interseccionalidades de opressão (VALENTINE, 2007).

Através da compreensão da configuração do espaço e os fenômenos que se inserem nele, é possível articular as diversas possibilidades de facetas identitárias à combinação de tempo e espaço, percebendo uma relação com a imaginação geográfica que resulta da experiência espacial das pessoas, a partir do momento em que essa se torna concreta na realidade de cada uma delas (SILVA e SILVA, 2014, p.18). E com base nesse entendimento, torna-se muito importante discorrer sobre as experiências de estudantes que chegam até à universidade e precisam das políticas de assistência e permanência estudantil.

A realização de entrar em uma Universidade Pública, para estudantes que vêm de uma realidade vulnerável, é sinônimo de superação. Entretanto, além de passar por desafios, como o vestibular, ao conseguirem a aprovação e se inserirem na Universidade, infelizmente, outros desafios surgem, como o de viver com qualidade nesse novo espaço.

No caso de Presidente Prudente, no interior do Estado de São Paulo, Brasil, essa situação adquire contornos específicos. Boa parte dos estudantes da FCT-UNESP vem de outras cidades, algumas mais próximas e outras mais distantes. A trajetória de chegar em Presidente Prudente- SP e, inicialmente, residir na cidade, origina-se na delimitação de trajetórias estudantis, algumas similares, outras distintas. Algo a ser destacado como parte do processo são as informações que as/es/os estudantes recebem ou buscam antes de irem para Presidente Prudente, com o objetivo de conhecer o que a Universidade propõe em termos de assistência e permanência.

Alice, uma mulher negra de 28 anos de idade, que viveu toda a sua vida na periferia da cidade de Campinas- SP, e que se mudou para Presidente Prudente em 2020 com o objetivo de cursar Geografia, teve uma experiência baseada nas informações sobre as políticas de Permanência Estudantil, quando ainda morava em Campinas e se preparava para o vestibular.

“Então, eu já tinha um norte sobre o auxílio da permanência, por causa do cursinho mesmo que eu fiz, num cursinho voluntário dentro da UNICAMP que se chama PROCEU. Tem os alunos da graduação que são professores voluntários pra ensinar os alunos a estudar pro vestibular, e aí eles sempre falavam sobre as universidades públicas e a permanência - como você podia conseguir a permanência”. (Entrevistada: ALICE, 24/01/2023. Estudante de Geografia da FCT-UNESP).

A política da Permanência Estudantil da UNESP, assegura direitos como os de Auxílio Socioeconômico, Moradia Estudantil, Auxílio Aluguel, Auxílio Alimentação e Auxílio Emergencial. Estudantes relatam que participar desse processo é cansativo e muitas vezes demorado, pois ele se repete todo ano, tanto para calouros, como para veteranos. E por mais que, temporariamente, tenha a possibilidade de ficar na Moradia Estudantil como critério de “hospedagem” e/ou, além disso, receber o Auxílio Emergencial para estudantes calouros, a situação de algumas pessoas quando chegam na FCT-UNESP é tão crítica que elas precisam, rapidamente, de recursos mais efetivos e que contemplem suas necessidades.

Valéria, também estudante do curso de Geografia, explica que, ao chegar em Presidente Prudente tentou receber os auxílios:

“[...] quando eu vim pra cá, eu já sabia que eu, eu podia ter o auxílio socioeconômico, porque minha irmã estudou aqui e ela fez cinco anos de faculdade aqui e teve o auxílio durante os cinco anos. Então, eu vim pra cá já sabendo dessa possibilidade e escolhi aqui porque eu sabia que eu iria ter essa possibilidade, então desde o primeiro ano eu sabia que eu tinha que enviar documentação, já cheguei com tudo, com os documentos tudo pronto porque eu sabia que eu precisava muito disso pra ficar aqui, a única... é o que me mantém aqui. Então, eu cheguei, já enviei os documentos assim que apareceu a chance, logo quando você ingressa, no primeiro mês, já abre o processo seletivo. Aí eu fiz a entrevista e fui aprovada. Aí eu tô no terceiro ano agora e os três anos eu tive o auxílio. Demorou um mês pra sair o resultado, eu acho, se eu não me engano foi mais ou menos um mês. Eu não tive tanta dificuldade porque na época, quando eu cheguei aqui, eu ficava na casa da minha irmã, então eu não pagava aluguel, eu não pagava conta e minha alimentação, eu tinha trabalhado antes né, então eu trouxe um dinheiro guardado pra isso. Então, eu num... até sair o resultado, foi tranquilo pra mim né. Uma experiência individual”.
(Entrevistada: VALÉRIA, 31/01/2023. Estudante de Geografia da FCT-UNESP).

Por outro lado, Clara, estudante do quinto ano da Engenharia Ambiental, tivera sua experiência marcada por uma situação bem complicada com relação à demora do processo de inserção à Permanência Estudantil:

“[...] lembro de ter recebido o meu auxílio só em maio, então, de maio, segurar as pontas, assim, de março, abril, sem... tava difícil, complicado, tava na moradia e o pessoal ajuda bastante, principalmente quando é calouro, mas o processo de chegar, aí mandar documento, aí marcar a entrevista e esperar o resultado pra mim eu acho que demorou, porque quando a pessoa chega mais em vulnerabilidade, ela precisa de um resultado mais rápido eu acho, no meu caso, eu sei que tem o auxílio emergencial, que eu acho que é pra cobrir esse período, mas eu

não consegui, então pra mim.... eu não consegui porque eu não entendia muito como funcionava, então, pra mim foi mais demorado essa questão. Eu não tinha dinheiro pra ficar me sustentando, comprando as coisas, então, ficava passando tudo no cartão de crédito até conseguir. E aí foi complicado esse processo. Tipo, tinha chegado e não tinha nada, não tinha panela, não tinha nada, então... eu lembro que no começo o pessoal me emprestava as coisas e tudo mais, mas eu também precisava das minhas e eu passava no cartão, e aí, foi assim que eu consegui, mas tipo, eu recebi o auxílio e aí não era o suficiente, fui além do que eu podia pagar, tipo, tinha que pagar um pouco em um mês, um pouco no outro, então foi complicado essa parte.” (Entrevistada: CLARA, 27/03/2023. Estudante da FCT-UNESP).

Além disso, ela também expõe o medo que sentiu em todas as vezes que participou do processo, como a insegurança de não conseguir o auxílio por algum motivo ou critério. Valéria compartilha o mesmo sentimento, dizendo:

“Toda vez eu fico com medo de não conseguir, porque parece que é um processo muito instável às vezes, né? Às vezes pessoas que você nem imagina conseguem e pessoas que você tem certeza que vai conseguir não conseguem. É contraditório, eu não sei se as histórias são diferentes do que a gente ouve.” (Entrevistada: VALÉRIA, 31/01/2023. Estudante da FCT-UNESP).

Algumas pessoas, como no caso de Valéria, no primeiro momento de contato com a universidade, já conseguem algum lugar para morar, por terem pessoas amigas ou relações de parentesco, ajudando em sua permanência até serem inseridas na política de assistência. Por outro lado, outras recorrem à Moradia Estudantil (como Alice e Clara), através de informações sobre a possibilidade de se hospedarem, ou, por só saberem dessa oportunidade.

Portanto, essas mesmas pessoas que fazem parte da mesma política e que chegam à Universidade com histórias e trajetórias distintas e vivenciam diversas facetas identitárias marcadas por um aspecto interseccional, estarão condicionadas ao enfrentamento dos mesmos desafios. Isso ocorre, porque são pessoas socioeconomicamente vulneráveis, umas com mais fragilidade e outras com menos, todavia, ambos os cenários, são vulnerabilizados.

SAÚDE E SAÚDE MENTAL: EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS E O SOFRIMENTO PSÍQUICO NA FCT-UNESP

A Organização Mundial da Saúde, diz que saúde é mais do que o bem-estar físico, pois se considera o corpo como um componente de articulações (físico e mente), ressaltando a importância, também, do bem-estar mental. Abordar sobre Saúde Mental é levantar os fatores prejudiciais que englobam essa dimensão, como o sofrimento psíquico/transtornos

mentais. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 feito pela American Psychiatric Association:

Um transtorno mental é uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes. Uma resposta esperada ou aprovada culturalmente a um estressor ou perda comum, como a morte de um ente querido, não constitui transtorno mental. Desvios sociais de comportamento (p. ex., de natureza política, religiosa ou sexual) e conflitos que são basicamente referentes ao indivíduo e à sociedade não são transtornos mentais a menos que o desvio ou conflito seja o resultado de uma disfunção no indivíduo, conforme descrito (DSM-5, 2014, p. 20).

Essas questões que envolvem a saúde mental e as problemáticas referente aos transtornos, vão influenciar nas dinâmicas das trajetórias e nas experiências das juventudes, especificamente, das que estão dentro da universidade. E, por isso, é tão relevante apoiar-se em um estudo comprometido com a Dimensão do Social (MASSEY, 2008), porque se preocupa “em desenvolver uma Geografia na perspectiva das pessoas” (GUIMARÃES, 2019, p.123), ligada a um caráter que dá enfoque aos corpos que produzem suas espacialidades e que se apropriam do espaço, compreendendo suas geograficidades voltada aos grupos sociais juntamente com a suas vivências (TURRA NETO, 2013, p.3).

Melhor dizendo, ouvir a voz das pessoas estudantes é necessário para entender suas perspectivas sobre o que é saúde e saúde mental, e compreender o que elas entendem sobre a problemática dos transtornos mentais relacionados às questões acadêmicas. Com base nesses questionamentos é que foram feitas as seguintes perguntas: “O que você entende por saúde?”, “O que você entende por saúde mental?”, e “Qual a relação que você faz entre esses fatores e a Universidade?”.

Primeiramente, destaca-se o relato de Clara:

“Eu acho que saúde é quando você tá em plenas condições físicas e mentais de conseguir fazer suas coisas no dia a dia, coisas básicas, tipo, levantar, se alimentar bem, ir pra aula, porque, principalmente, quando a saúde mental não tá boa a gente perde o ânimo, né? É quando físico e mental a gente tem essa disposição e capacidade de estar fazendo essas coisas que a gente precisa. Eu acho que saúde mental envolve mais essa parte psicológica da gente ter vontade, da gente ter prazer no que a gente faz”. (Entrevistada: CLARA, 27/03/2023. Estudante da FCT-UNESP).

O que Clara expõe sobre sua concepção de saúde e saúde mental, de certo modo, é o que a OMS (Organização Mundial de Saúde) também propõe. Entendemos que a colocação de Clara, comprova o contato que ela tivera com esses aspectos. Porém, sabe-se que o debate sobre o bem-estar em saúde, em especial, saúde mental, é muito recente na Universidade, ainda mais para algumas pessoas.

No momento em que é perguntado para Alice o que é saúde mental, o ambiente se transforma. No comportamento de Alice, observa-se uma tensão, ela começa a secar suas mãos em sua roupa e seu semblante de indagação procura por palavras para responder à pergunta. O sentimento de tristeza em seus olhos, marejados, tomava conta dos segundos de silêncio que perpetuava naquele ambiente. Quando toma consciência do momento presente, mesmo ainda vagando no distanciamento do refletir, gaguejando, responde:

“[...] saúde mental pra mim é quando uma pessoa tem uma crise de ansiedade, é... tem depressão, tem, tipo... eu não sei. Aí amigo, corta essa parte (riso que expressava um certo incômodo)”. (Entrevistada: ALICE, 24/01/2023. Estudante da FCT-UNESP).

Dando um gole em sua água, ela tenta se retomar, inspirando e expirando três vezes. Imediatamente, complementa dizendo que saúde mental é parte de várias doenças que envolvem a mente. Naquele instante, como entrevistador, pensei que ela tinha confundido saúde mental com transtorno mental. Logo, na tentativa de esclarecer que o que ela tinha exposto fazia parte do que se entende sobre transtornos mentais, indago:

“Mas o que é saúde mental pra você? Você trouxe alguns transtornos, né? Que são: a depressão, a ansiedade. São transtornos mentais. Mas o que é saúde mental pra você, Alice? (Entrevistador: LUIZ ALCÂNTARA, 24/01/2023. Estudante da FCT-UNESP).

Subitamente, ela narra:

“Eu acho que, pra mim, saúde mental (mas uma vez, o silêncio retorna e seu semblante de reflexão se apresenta) é uma doença! Tipo que, às vezes, sei lá, é, às vezes eu acho que nunca tem cura, sabe? Tem tratamento, mas nunca tem cura, sabe? É o meu ponto de vista”. (Entrevistada: ALICE, 24/01/2023. Estudante da FCT-UNESP).

Imediatamente, ela diz quais seriam as razões, respondendo:

“Por que ninguém pede pra ficar doente, tipo: aí hoje eu, hoje eu tô doente. Não! Sabe? E, e... eu acho que, por exemplo, uma coisa física a gente consegue ter um tratamento rápido, dependendo de cada caso. Mas a saúde

mental é... se você não cuidar, pode agravar muito mais, sabe? E às vezes pelo fato de ser a mente a gente não se prioriza em cuidar. É isso!”. (Entrevistada: ALICE, 24/01/2023. Estudante da FCT-UNESP).

A partir desse relato, fica claro que a compreensão de saúde, especificamente de saúde mental, ainda em muitas situações, as pessoas relacionam com doença, neste caso de Alice, com transtorno mental. *Mas porque isso acontece?* Será que realmente o debate sobre saúde mental para uma mulher estudante preta que se comprometeu com a graduação, pesquisa, tendo que lidar com suas responsabilidades diárias, é prioridade? É prioridade para essa mesma mulher que vivenciou a marginalização em sua pele, trabalhando todos os dias em Campinas para no final do dia ter o que comer e ir estudar no Ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA)? A saúde mental é prioridade mediante a todos esses atravessamentos que indicam um contexto de vulnerabilidade socioeconômica?

O escasso debate sobre a saúde mental presente na universidade, não somente sinaliza o profundo envolvimento das pessoas em suas atividades acadêmicas, mas também se depreende de uma trajetória ligada a um contexto. Esse contexto, vincula-se a um estímulo de sobrevivência, cujo trabalho se torna o viés predominante desta “sobrevivência” e não o debate sobre saúde mental. Outro ponto a se pensar, é que pelas informações estarem tão comprometidas com o falar sobre os aspectos de doenças e mortes, que a interpretação de muitas pessoas se dá por definir saúde pelo modelo biomédico e hospitalocêntrico, como um fenômeno negativo, entendendo a saúde como uma doença.

Mas e como se dá a relação entre a saúde mental e a Universidade? Cauã, um jovem, preto, gay e estudante do curso de Geografia, expõe:

“[...] a universidade é muito boa, só que também, ela também adocece, principalmente, pra pessoa preta, que às vezes, assim, é um comentário mínimo que você faz que acaba com o seu dia, então, que você começa a repensar tudo, tudo, tudo, tudo na sua vida.” (Entrevistado: CAUÃ, 22/05/2023. Estudante da FCT-UNESP).

O que Cauã está querendo dizer, é que o mesmo lugar que se articula para promover conhecimento e desenvolvimento, não percebe o adoecimento que causa a partir dessa lógica positivista, ignorando o real contexto de muitos estudantes. Traz, também, a perspectiva do sofrimento de pessoas negras na Universidade, desencadeado pelo racismo estrutural que se dá, em muitos casos, de forma “velada”, mas escrachada para as pessoas que carregam em sua pele, traços, cabelo, essa identidade que, por séculos, sofre ataques preconceituosos de variados modos das pessoas brancas e da elite.

PANDEMIA E O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL DO CORPO DISCENTE

As juventudes vão delineando trajetórias e, conseqüentemente, através de suas vivências materializadas no espaço, experiências vão sendo construídas, revelando-se como tendências espaço-temporais, em constante transformação. A pandemia da COVID-19 é um elemento ímpar neste processo, sobretudo, nos aspectos que envolvem a relação entre a juventude do ensino superior e as manifestações de agravo psíquico durante o período pandêmico. Abramo, destaca que:

Para entender como a pandemia afetou os jovens precisamos tomar como referência, em rápidas pinceladas, um quadro que nos informe como se estruturam a sua vida e atividades no país nesta segunda década do século XXI, considerando as diferenças, as desigualdades e as singularidades conforme o gênero, a raça, a situação social e, ademais, o momento em que se situam na longa etapa que constitui a juventude nos tempos contemporâneos. (SILVA SOBRINHO, ABRAMO, VILLI, 2022, p. 186).

Em uma pesquisa organizada pela Agenda Jovem Fiocruz, intitulada “Jovens e Saúde: Revelações da Pandemia no Brasil 2020 - 2022”, identificou-se, a partir das análises, que jovens pretos (68,8%), indígenas (68,7%) e amarelos (67,3%) foram mais atingidos do ponto de vista que coloca suas emoções e sentimentos em jogo (aqui, considerado o sentimento de “tristeza”) mais do que pardos (64,0%) e brancos (63,2%). Algo a ser evidenciado que foi refletido durante a pandemia nesta pesquisa, são as características sociodemográficas, como, aquelas que dizem respeito à renda familiar - resultado das perdas financeiras por causa da quarentena, gerando o sofrimento associado à ansiedade, raiva e outros sintomas considerados psicopatológicos (SILVA SOBRINHO, ABRAMO, VILLI, 2022).

Outro ponto a ser destacado, é o perfil sociodemográfico: família, saúde, educação, trabalho e perspectiva de futuro de 68.114 jovens, das diferentes regiões e estratos sociais, que participaram da pesquisa “Juventudes e Pandemia do Coronavírus”. A pesquisa também demonstra o aumento nas tendências sentimentais, referentes à ansiedade, depressão e comportamento de automutilação e/ou pensamento suicida entre as pessoas jovens como efeito direto ou indireto da pandemia (SILVA SOBRINHO, ABRAMO, VILLI, 2022).

A situação que decorre do impacto na qualidade de vida dos jovens, em especial, no seu desequilíbrio emocional provocado pela pandemia, possibilitou perceber diferentes interfaces que estão relacionadas aos modos como esses jovens se organizaram mediante ao contexto universitário. Partindo das conjecturas sobre os desafios paralelos dos estudantes de ensino superior e pandemia, a mesma pesquisa (“Juventudes e a Pandemia do Coronavírus”) aborda sobre a questão da educação: “A maior parte dos jovens que sofre

ansiedade, depressão e automutilação/ pensamento suicida estuda e não trabalha (38%, 39% e 48%, respectivamente). Dentre os que relataram ansiedade e depressão, a maioria está no Ensino Superior (51% e 53%, respectivamente)” (SILVA SOBRINHO, ABRAMO, VILLI, 2022).

Esses recentes dados da FIOCRUZ (2022) refletem os modos e trajetórias das estudantes da FCT/UNESP que foram sendo alterados em função da pandemia, acarretando na dificuldade de conciliação das tarefas de casa e estudos, o deslocamento e o não deslocamento dos estudantes para suas cidades de origem acerca da paralisação das atividades presenciais, e até mesmo no aumento do sofrimento psíquico. A seguir, Clara descreve sua experiência:

“[...] a partir do meu segundo ano veio a pandemia também, acho que mexeu com o psicológico de todo mundo no geral, mas eu acho que o formato remoto também eu acho que acabou sendo uma coisa que me deixou... extremamente... sabe quando você tem um monte de coisa pra fazer e você chega no seu limite? Eu esqueci o nome disso... sobrecarregada! Porque mesmo sendo online, começaram todas as matérias, aí tinha atividades semanais pra fazer, aí, às vezes, acumulava, acumulava aula gravada, acumulando, acumulando, e aí a gente quer participar das coisas, entra Empresa Junior, entra em Centro Acadêmico, e é... eu me senti muito sobrecarregada e desmotivada por conta da faculdade, então, por vários momentos eu me senti assim, me senti eu não sei porque eu tô fazendo esse curso, apesar de amar o meu curso eu não sentia mais prazer nele, pela sobrecarga estava vindo em cima de mim”. (Entrevistada: CLARA, 27/03/2023. Estudante de Engenharia Ambiental da FCT-UNESP).

Em relação ao período pós-pandêmico, Valéria diz:

“[...] nesse tempo pós-pandêmico, eu vejo que as pessoas cada vez mais estão se distanciando, tendo conversas muito superficiais, se preocupando mais com a vida alheia do que com a própria vida. E... a gente sabe que tem vários colegas que tomam remédio, que fazem tratamento com psiquiatra, psiquiatra, né? Hoje parece que a galera não tá muito bem, não de saúde mental, que... principalmente, a gente vê isso bastante em pessoas que são pobres, né?”(Entrevistada: VALÉRIA, 31/01/2023. Estudante de Geografia da FCTUNESP).

As trajetórias dos estudantes são intercruzadas na Universidade, de modo que cada pessoa tenha contato com os sofrimentos emocionais das/es/os estudantes conhecidos e desconhecidos. Os pedidos de socorro reverberam nesse lugar. Esses mesmos pedidos (gritos!), são naturalizados como parte do processo de formação, ignorados e deixados de

lado. As vozes são ouvidas, mas não escutadas, porque não são compreendidas e levadas em consideração.

A universidade retorna com suas atividades após o período pandêmico, porém, o que ocorreu antes, infelizmente, reflete nos dias atuais. Habituar-se à rotina, encarar os desafios pós-pandemia, manter a qualidade de vida na Universidade e fora dela, são cenários que precisam cada vez mais ser dialogados, não só apenas entre estudantes, mas, também, docentes e servidores.

EXTENSÃO E CULTURA: CAMINHOS PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL

A universidade tem em sua estrutura base três dimensões indissociáveis: ensino, pesquisa e extensão para o desenvolvimento científico (Brasil, 1988). Atualmente, com uma característica única, a extensão vai sendo ampliada, mais atividades vão sendo criadas e a comunidade universitária em conexão com a sociedade vai estabelecendo laços, como forma de produção de conhecimentos:

A concepção de extensão como função acadêmica se opõe a idéia de que constitua uma atividade menor na estrutura universitária, a ser realizada por professores sem titulação, nas sobras de tempo disponível e que o trabalho junto às comunidades carentes é uma solidariedade individual. Diante dessa nova visão de extensão universitária, esta passa a se constituir parte integrante da dinâmica pedagógica curricular do processo de formação e produção do conhecimento, envolvendo professores e alunos de forma dialógica, promovendo a alteração da estrutura rígida dos cursos para uma flexibilidade curricular que possibilite a formação crítica. A adoção dessa concepção pelas diferentes universidades não as conduz a relegar a prestação de serviços, nem o compromisso social da universidade com as classes populares. (JEZINE, 2004, p. 2).

Na UNESP de Presidente Prudente- SP, algumas atividades de extensão são representadas por entidades que elaboram projetos de cultura, esporte e lazer, sendo elas: Bateria Furiosa - grupo musical; Comitê Central de Ação Cultural (CAC) - organização de eventos artísticos e culturais; bem como organizações voltadas para esportes para a comunidade unespiana como o Pegasus - grupo de cheerleader; Atlética UNESP Prudente; Saúde Integral do Trabalhador da FCT-UNESP (SITRA). Essas atividades têm cumprido um papel de extrema importância no que se refere à saúde e saúde mental dentro da FCT-UNESP, elaborando um viés para além do comprometimento da realização de atividades, portanto, promovendo saúde.

Cauã, praticante de basquete pelo SITRA, comenta sobre sua experiência e o que sente quando está dentro de quadra jogando:

“Eu acho que é o momento que eu deixo todos os meus problemas fora e só é aquilo, não tem nada passando na minha cabeça de problema e irritação, de várias coisas que quando eu saio, eu já começo a tá relembando, é um período que... é só ali eu, eu e eu. Não tem nada assim é... me causando é... irritação, é uma coisa, assim, parece que é um outro mundo, assim, pra mim, praticamente.”.(Entrevistado: CAUÃ, 22/05/2023. Estudante de Geografia da FCT-UNESP).

Diferente de Cauã, Ana e Bruno participam em mais de um projeto. Ana, além de participar das atividades de yoga oferecidas pelo CAC, pratica vôlei de praia no SITRA. Já Bruno, faz natação pela Atlética da FCT-UNESP e participa do grupo de Cheerleader. Vejamos a seguir o que cada um sente ao praticar essas atividades, iniciando por Ana:

“Acho que um pouco de tranquilidade, no sentido de não ter muita preocupação, é... também sinto a parte de, de divertimento né, e também tem um pouco de aprendizagem, aprendizagem sobre a modalidade e sobre mim, tipo, que eu sou capaz de fazer e o que eu não sou capaz”. (Entrevistada: ANA, 16/05/2023. Estudante de Engenharia Ambiental da FCT-UNESP).

Bruno argumenta:

“A natação apesar dela ter muitas adversidades, assim, no dia que tá mais frio não dá vontade de treinar e tals, aí a gente sai do treino tem que ir correndo pro RU (restaurante universitário) também, é um pouco desgastante, mas é questão das pessoas né, por exemplo, eu conheci muitas pessoas de outros cursos que eu sem praticar nada eu, provavelmente, não conheceria, e é uma oportunidade de socialização eu acho, e também eu me sinto bem comigo mesmo praticando esse esporte né, eu vejo que eu meloro os meus limites né, minha capacidade. Quanto ao Pegasus, o Cheer, eu sou bem suspeito pra falar, porque eu sou... tô muito ligado com as atividades desse esporte e eu é... o Pegasus ele motiva eu continuar aqui é...um dia que tá, um dia com muita correria, muitas atividades, provas, trabalhos, saber que tem treino no final do dia, isso me motiva bastante, os treinos, apesar de serem à noite, começar às dez horas e às vezes se entender até meia noite e meia, mesmo assim é uma coisa que eu gosto muito, então, me dá muito prazer fazer essa atividade. E no Pegasus, também, foi aí que eu tive contato ainda com outras pessoas, com pessoas de outros cursos e as competições que a gente foi, eu conheci pessoas de outras UNESPs, de outras faculdades”. (Entrevistado: BRUNO, 23/05/2023. Estudante de Ciência da Computação da FCT-UNESP).

Os relatos que foram apresentados, em função das atividades de Extensão e Cultura, são de modo particular para cada pessoa entrevistada, componentes que abarcam saúde, principalmente, a promoção de saúde mental, sendo por parte da integração, socialização ou pertencimento. Portanto, infelizmente, nem todas/es/os estudantes participam dessas atividades ou buscam ter um momento de descontração fora da faculdade, como no caso de Clara:

“Desde o meu primeiro ano, eu não me permiti a ter uma vida fora da faculdade, porque, quando eu cheguei, eu vi as coisas, o ritmo que era e fiquei, tipo, muito, meu Deus eu tenho que estudar, tem que estudar e é isso. Então, vida era de casa pra faculdade, de casa pro mercado, era só mercado e faculdade. E já deixei de comer porque eu estava estudando, e na minha cabeça se eu tirasse um tempo pra comer era um tempo que eu poderia estar estudando e eu precisava estudar, então, eu já parei de comer, já virei várias noites seguidas, já fui fazer prova virada sem dormir, e às vezes os meus amigos me chamavam pra sair, sei lá, pra comer alguma coisa e eu falava não, tenho que estudar. E no meu primeiro ano foi muito assim, porque eu ficava nessa, nossa tenho que estudar, tenho que estudar”. (Entrevistada: CLARA, 27/03/2023. Estudante de Engenharia Ambiental da FCT-UNESP).

Estudantes que chegam na universidade tendo sua formação escolar advinda de ensino público precarizado, conseqüentemente, estão mais expostos aos desafios no acompanhamento do ritmo do curso e dos conteúdos, tendo que, em sua grande maioria, passar a maior parte do tempo estudando para não serem prejudicados, ainda mais para aqueles que são da Permanência Estudantil que, dependendo do número de reprovações, a bolsa do auxílio socioeconômico pode ser cortada e até mesmo ser desligado da Moradia Estudantil.

Sabe-se que, atualmente, no Brasil, o ensino de escola pública, ainda tem muito a ser aprimorado, dado que a precariedade dessa instância social, resulta no despreparo de estudantes que se formam nessas escolas e que ao chegar a Universidade, se depara com o professor dizendo: “como você não sabe desse conteúdo, ele é de ensino médio?”, ou até mesmo um colega de sua turma (vindo de uma escola privada): “essa matéria eu aprendi quando eu estava no segundo ano do ensino médio, eu já sei o conteúdo”.

Através dessas discussões, retomamos a pergunta do início deste trabalho: *para quais jovens a universidade se configura?* A resposta está na história da formação socioespacial brasileira e conseqüentemente da Universidade, se considerarmos que desde a criação da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Estadual Paulista (FCT-UNESP), em 1976, foi somente em 2022, que uma mulher foi eleita diretora. A resposta também se evidencia quando as vozes são escutadas. A resposta está no relato de Clara, Alice, Valéria, Cauã, das/des/dos estudantes negres/os, mulheres, LGBTQIAPN+, da classe trabalhadora, marginalizados e estudantes que vieram do ensino público brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como elaborado ao longo do texto, dentro da universidade, trajetórias vão sendo delineadas pelas diversas juventudes que nela se adentram, vivenciando este espaço de variadas maneiras, sendo este, muitas das vezes, um produtor de desafios e, ao mesmo tempo, de oportunidades. Os desafios são resultados dos impasses do processo desafiante em ser

parte e se inserir nas Políticas de Assistência e Permanência Estudantil presentes na UNESP. Somando-se a esse raciocínio, a pandemia da COVID-19, também, foi um período que impactou na vida desses/as jovens estudantes.

Todavia, quando se fala das oportunidades, as ações extensionistas e culturais que hoje se fazem presente nas universidades, podem influenciar e contribuir muito mais do que ela pode propor como atividade, se pensarmos no viés promocional de saúde e saúde mental.

Por fim, reconhece-se, na lógica deste trabalho, a importância da Geografia para elaboração de uma reflexão que tem um olhar voltado para os fundamentos teóricos e metodológicos do campo epistemológico da Saúde (e não da doença). Procuramos contribuir para questões relacionadas à capacidade de respostas da saúde coletiva (GUIMARÃES, 2019. p.122) e da promoção da saúde que se baseia em princípios éticos e políticos, dentre eles: condições de vida que conduzem à saúde e ao bem-estar, fortalecimento da ação comunitária, reorientação dos serviços de saúde do enfoque curativo ao promocional (GUIMARÃES, 2014; 2019), ou seja, por meio de uma Geografia para a Saúde mental das pessoas jovens universitárias.

Referências

- ABRAMO, H. W. Jovens na pandemia: muitas dores e o direito de dizer não. In: ___ SILVA SOBRINHO, A. L.; ABRAMO, H. W.; VILLI, M. (org.). Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. Disponível em: [<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/55181>]
- ALVES, N. C.; PEDROSO, M. F.; GUIMARÃES, R. B. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. Caderno Prudentino de Geografia, v. 3, n. 41, p. 9-24, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6435>
- BERNARDES, M. P. Saúde mental na universidade: transtornos mentais e comportamentais entre os estudantes de graduação da UNESP de Presidente Prudente/SP. 2018. Monografia (Graduação em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Presidente Prudente.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Congresso Nacional do Brasil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude. Brasília: Presidência da República, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm.
- CARRANO, P. Jovens pobres: modos de vida, percursos urbanos e transições para a vida adulta. Ciências Humanas e Sociais em Revista, v. 30, n. 2, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/download/7477142/revista%20uffrj_carrano.pdf.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=pt&tlng=pt. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>

DAYRELL, J.; CARRANO, Paulo. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. Recuperado el, v. 10, p. 1-6, 2002.

DE ASSIS, F. M. P. Juventudes e Cidades: Uma Leitura Espacial. Os Jovens e Suas Espacialidades. Goiânia, GO: Editora Espaço Acadêmico, p. 21-44, 2016.

DIÓGENES, G. M. D. S. Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. Fortaleza, CE: Editora Scritta, 1994.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora, 2014.

GUIMARÃES, R. B. Saúde Coletiva e o fazer Geográfico. Caderno Prudentino de Geografia, v. 2, p. 119-132, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/6299>.

GUIMARÃES, R. B. Saúde: fundamentos da Geografia humana. São Paulo- SP: Editora UNESP, 2014. <https://doi.org/10.7476/9788568334386>

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos-pdf901/as-praticas-curriculares/as-praticas-curriculares.pdf>.

MASSEY, D. Pelo Espaço: uma Nova Política da Espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NOGUEIRA, M. D. D. P. Políticas de extensão universitária brasileira 1975-1999. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 1999. Mimeo.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) - 1946.

PEDROSO, M F. Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida? Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, v. 10, n. 2, p. 66-78, 2019. ISSN 2177-2886. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.10.i2.0004>

PEDROSO, M. F. Flores e dores, vozes e vidas: contexto geográfico de mulheres e suas experiências interseccionais em Presidente Prudente, SP. 2022. 360 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2022.

PEDROSO, M. F.; SIMON, C. R.; GUIMARÃES, R. B. (2022). A Ruptura do Silêncio na Luta contra a Violência: A Geografia que Acontece na Vida das Mulheres. In: MARQUES DA COSTA, Eduarda; LOURO, Ana (org.) Desigualdades em saúde, desigualdades no território: desafios para os países de língua portuguesa em contexto de pós pandemia. 1 ed. Lisboa, Portugal: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, p.235-242.. DOI: 10.33787/CEG20220006. <https://doi.org/10.33787/CEG20220006>

SANTOS, M. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. Ciência & Saúde Coletiva, v. 8, p. 309-314, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/NwLDv5yhjKPJm3W7j68R9LF/?format=pdf&lang=pt>. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000100024>

SILVA SOBRINHO, A. L.; ABRAMO, H. W.; VILLI, M. (org.). Jovens e saúde: revelações da pandemia no Brasil 2020-2022. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/55181>.

SILVA, M.; SILVA, J. M. Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial. Ponta Grossa, PR: Toda Palavra, 2014.

TURRA NETO, N.. Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade. 533 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/10504>.

TURRA NETO, N. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 2012, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2012, p. 01-10.

VALENTINE, G. Theorizing and researching intersectionality: A challenge for feminist geography. *The Professional geographer: the journal of the Association of American Geographers*, v. 59, n. 1, p. 10-21, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9272.2007.00587.x>.